



VOLUME – V. 4

NÚMERO – N. 1

JUN. – 2026

ISSN: 2966-1439

P. 212-220

ENTRE RIQUEZAS E INCOMPLETUDES: DESAFIOS E RESPONSABILIDADES NA PESQUISA DE ACERVOS

**BETWEEN RICHNESS AND INCOMPLETENESS: CHALLENGES AND
RESPONSIBILITIES IN ARCHIVAL RESEARCH**

Eliane Vasconcellos ¹

Marcus Rogério Salgado ²

Mayra Moreyra Carvalho ³

Mônica Gomes da Silva ⁴

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ELIANE VASCONCELLOS: os organizadores do Dossiê *“Antes do livro”: as revistas como arquivos da crítica e da literatura* conversaram com a Professora Titular e Pesquisadora do Arquivo-Museu da Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Prof.^a Dra. Eliane Vasconcellos, especialista em acervos literários, com destacado trabalho no resgate de obras de autoria feminina e de correspondência literária. As perguntas se voltaram para a trajetória da pesquisadora, a importância da FCRB para a memória da literatura brasileira e as contribuições advindas dos trabalhos com fontes primárias para a crítica literária.

¹ Doutora em Literatura Brasileira (UFRJ). Pesquisadora Titular (FCRB). E-mail: vasconcellosev@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada (UFRJ). Professor de Literatura Brasileira (UFRJ). E-mail: marcussalgado@gmail.com

³ Doutora em Letras - Literatura Espanhola (USP). Professora de Literaturas de Língua Espanhola (UFSCAR). E-mail: mayramoreyra@ufscar.br

⁴ Doutora em Estudos de Literatura (UFF). Professora de Literatura Brasileira (UFRB). E-mail: mgs@ufrb.edu.br

Entrevistadores – Primeiro, gostaríamos de expressar nossa satisfação e nosso agradecimento em poder realizar esta entrevista e, assim, dividir com os leitores da *Revista Paraguaçu* alguns dos momentos da sua trajetória na pesquisa em acervos e com fontes primárias. Sua formação inicial, que une as áreas de Letras e Museologia, aponta para a importância do trabalho analítico e de conservação dos textos, o que se reflete nas várias edições de obras que estavam longe do público, a exemplo, do seu trabalho mais recente sobre Corina Coaraci⁵.

Poderia falar sobre como surgiu o interesse com o trabalho com este tipo de material?

Prof.^a Eliane Vasconcellos - O trabalho com esse tipo de material foi muito por acaso. Pode-se até dizer que foi a mão de Deus. Porque, na realidade, estava me encaminhando para seguir a vida acadêmica. Havia cursado Letras e Museologia, mas o curso de Museologia foi por deleite. Como o curso de Museologia exigia um estágio vim para Casa de Rui Barbosa. O que aconteceu? Quando foi realizada a primeira exposição sobre Camões e a literatura brasileira na inauguração do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, em 1972, eu estava aqui, bem jovem ainda, e, como estagiária, participei dessa exposição. Depois, por motivos profissionais, deixei a Casa de Rui Barbosa e segui minha vida acadêmica. Trabalhava em sala de aula e estava me preparando para fazer um Mestrado na PUC-RJ em Letras, me especializando em Língua Portuguesa.

Em 1978, surgiu uma vaga para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. O perfil requerido era o de um pesquisador que reunisse os conhecimentos tanto da área de documentação, quanto da área de letras. Ocupei essa vaga, mas havia um obstáculo a ser superado. Na FCRB não havia um programa de incentivo à realização de Mestrado ou Doutorado. Entretanto, os dois diretores concordaram e eu saía, duas vezes por semana, para ir ao curso na PUC-RJ.

Naquele momento, não existiam estudos voltados para as fontes primárias. Predominavam os trabalhos de edição crítica convencional, em que se partia da última edição em vida do autor, não se ia ao manuscrito, isto veio mais tarde.

⁵ *Modos e modas, usos e costumes (2019) e O Paiz: crônicas de Corina Coaraci (2022).*

Não se falava em crítica genética, não se falava em acervo. Ainda não existia esse tipo de preocupação. A preocupação de Plínio Doyle e de Carlos Drummond de Andrade foi em relação à conservação, isto é, a preservação para que o material não se perdesse.

A fundação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira estava prevista para acontecer na Editora José Olympio, mas a editora enfrentou sérios problemas e, por fim, o sonho de Plínio Doyle e Drummond se concretizou na FCRB.

Entrevistadores – Quais são os princípios e os desafios que você destacaria na pesquisa de acervos?

Prof.^a Eliane Vasconcellos - Bem, a primeira coisa que você esbarra quando vai trabalhar com acervos é no problema de leis autorais. Por isso, eu só trabalho com o material do século XIX. Apesar de ter escrito vários artigos sobre os acervos do AMLB, quando eu tenho de publicar, realmente, alguma coisa de mais peso, como foi o caso da Corina Coaraci, prefiro o século XIX.

Isso não significa, entretanto, que não tenha também trabalhado com autores do século XX. Publiquei a correspondência do Manuel Bandeira com Montezuma de Carvalho, em parceria com a professora Dr.^a Aparecida Ribeiro, e a de Drummond com Pedro Nava, com a professora Dr.^a Matildes Demetrio dos Santos, e publiquei algumas cartas do professor Gilberto Mendonça Telles. Era relativamente fácil eu conseguir autorização pelo meu relacionamento com os herdeiros. Penso que cada dia fica mais complicado, porque há herdeiros maravilhosos que não impedem o pesquisador de trabalhar, mas, infelizmente, há outros — que não são nem herdeiros diretos — normalmente, são pessoas que administram esse acervo.

Como aconteceu durante muito tempo, — não sei se ainda acontece hoje, porque estou um pouco afastada —, há acervos como de Manuel Bandeira e da Cecília Meireles que são de difícil acesso. Mas a maioria dos detentores dos direitos patrimoniais se sente orgulhosa de ver uma pesquisa sobre àquele parente. Aconselho o pesquisador a ter muito cuidado em relação a isso, principalmente, se

ele tem a intenção de publicar, é sempre importante providenciar uma autorização.

Entrevistadores – Entre as fontes primárias, as cartas são um material especialmente rico pela promessa de revelações, seja sobre a vida dos autores, seja pelo registro do processo criativo das obras. Em seu trabalho “Intimidade das confidências” (2008), você problematiza as potencialidades e os limites éticos desse “documento que supostamente diz a verdade, este testemunho da esfera do privado passa a ser olhado por todos e a crítica pode agora opinar sobre as informações, que ali aparecem apresentadas” (Vasconcellos, 2008, p. 381).

Nesse sentido, poderia comentar sobre as questões éticas implicadas no trabalho com as cartas?

Prof.^a Eliane Vasconcellos - Bem, eu acho que eu falei um pouco nisso na pergunta anterior, mas o problema da ética é muito importante, porque acredito que a responsabilidade e a integridade com as questões autorais são o que resguarda o trabalho de pesquisa. As cartas são um material que, no momento da escrita, o remetente não possuía a intenção de que o conteúdo fosse desvendado um dia. Se bem que Mário de Andrade tem uma afirmativa dizendo assim: muita coisa virá a lume quando a correspondência for editada — estou citando de memória —, então, realmente, a gente vê que essa documentação das cartas traz um material muito rico.

Por exemplo, em relação à Clarice Lispector. Quando o professor e escritor Afonso Romano de Sant'anna pergunta a idade com que ela escreveu *Perto do coração selvagem*, ela não diz, mas, pela data de publicação do livro e pela data que se dá, normalmente, nos dicionários de nascimento da autora, ela teria escrito *Perto do coração selvagem* com 18 anos. Mas quando se tem acesso à documentação original, encontram-se outros documentos, cartas, certidões e carteiras, com datas anteriores a esta data que é dada como oficial nos dicionários e, se não me falha agora a memória, ela teria escrito, realmente, *Perto do coração*

selvagem com 25 anos. É muito diferente alguém escrever um romance aos 18 anos, sendo quase uma adolescente, do que uma adulta aos 25 anos ⁶.

Nesse sentido, as cartas são importantes, também, pelo registro das muitas etapas de trabalho autoral. Na correspondência do Manuel Bandeira, há vários esboços de poemas enviados em cartas para o Mário de Andrade. Poemas que, às vezes, ficaram inacabados e é algo muito relevante quanto à ética, porque, muitas vezes, esse material não foi publicado. É preciso verificar os motivos pelos quais o texto não foi publicado, encontrar uma explicação crítica do porquê o material não ter atendido ou satisfeito a necessidade autoral.

Outro aspecto crucial, também, em relação ao trabalho com acervo e que se relaciona um pouco com a questão da ética, é o fato de ser muito comum encontrar material de um determinado titular num arquivo de outro, principalmente, no arquivo de Mário de Andrade. O que acontecia? Mário de Andrade tinha por hábito pedir originais aos escritores que ele conhecia para formar o próprio acervo, tanto que não é no arquivo de Carlos Drummond de Andrade que se pode consultar originais do poeta mineiro. Não temos nenhum livro original dele no acervo e, se não me engano, há apenas menção a quatro poemas existentes com anotações de Mário. Os poemas foram enviados por Drummond a Mário e este os devolveu com algumas sugestões. Mas temos no acervo do Mário um original do que deveria ser *Alguma poesia* - com o título de *Minha terra tem palmeiras*.

Desse modo, o trabalho com diferentes fundos de correspondência é uma questão ligada, indiretamente, ao problema da ética, mas é interessante para o pesquisador ter isso em mente, já que, às vezes, muitos dos documentos procurados não serão encontrados no acervo do titular e estarão no acervo de outros missivistas e o envio de poemas através das cartas é mais comum do que a gente pensa. Por exemplo, no arquivo do poeta Ribeiro Couto, há alguns poemas de Manuel Bandeira. A situação se repete em vários titulares e, se não é possível encontrar um poema no arquivo do escritor, ele pode ser acessado, caso o original

⁶ Clarice Lispector escreve seu primeiro romance entre março e novembro de 1942 e o publica em 1943. As várias datas de nascimento são comentadas por Nádia Gotlib (2013, p. 37), na biografia *Clarice, uma vida que se conta*: “Nas duas últimas décadas de vida, Clarice adota diferentes datas de nascimento. Embora alguns documentos continuem fiéis ao ano de 1920 e, embora a crítica adote, durante longo tempo, o de 1925, Clarice registra as de 1921, 1926, 1927...”.

tenha sido enviado para um amigo por meio da correspondência. Para quem estiver pesquisando sobre o assunto, é relevante conhecer essas etapas de trocas de cartas, não ficar restrito ao acervo do autor e fazer um levantamento dos seus correspondentes.

Entrevistadores – Também poderia expor um pouco mais como foi realizado o trabalho com as correspondências de autores como Carlos Drummond de Andrade/ Pedro Nava e Manuel Bandeira/Joaquim Montezuma de Carvalho?

Prof.^a Eliane Vasconcellos – Já falei um pouco sobre essas publicações anteriormente. Pela ordem cronológica, primeiro publiquei, com a professora Aparecida Ribeiro da Universidade de Coimbra, a correspondência de Bandeira com Montezuma de Carvalho, que é português. A professora Aparecida Ribeiro teve acesso às cartas de Bandeira em Figueira da Foz. Ou seja, as cartas do Bandeira estavam em Figueira da Foz, e as cartas do Montezuma de Carvalho estavam aqui no acervo da Casa Rui Barbosa no fundo do Bandeira. Foi a primeira edição que fizemos de cartas com o material do AMLB e seguiu os trâmites normais.

O outro livro que ainda publiquei, junto com a professora Matildes Demetrio dos Santos, foi a correspondência do Pedro Nava com o Carlos Drummond de Andrade. E essas cartas são muito ricas, principalmente, no que diz respeito às notas. Os arquivos dos dois escritores estão no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, aqui da Casa de Rui Barbosa, o que foi uma facilidade, porque há as duas partes do diálogo - as perguntas e as respostas - formando um painel.

Além disso, as referências que eles fazem na correspondência estavam em vários outros artigos e documentos localizados nos arquivos. Por exemplo, há uma correspondência em que Nava comenta que escreveu uma carta para o Abgar Renault e foi possível consultá-la no acervo deste autor. O conteúdo desta carta comentada com o Drummond foi transcrito em nota.

Um pesquisador de fora deve prestar atenção a essas observações e pesquisar na correspondência de outros titulares, que pode estar no arquivo do Museu de Literatura ou não. Os novos dados esclarecem a correspondência

editada. Podemos ver isso na correspondência de Mário de Andrade, que a Universidade de São Paulo vem editando.

Entrevistadores – A Fundação Casa de Rui Barbosa possui um dos acervos mais importantes da Literatura Brasileira, contemplando desde manuscritos, coleções de periódicos e cordéis, obras raras até um imenso acervo iconográfico. Sem dúvida, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) se destaca na guarda e trabalho com o material ligado à nossa literatura.

Em crônica de 1972⁷, Carlos Drummond de Andrade, ele mesmo um criterioso arquivista de sua própria obra, fala duma “velha fantasia” em reunir todos os papéis relativos à criação e à vida dos escritores brasileiros em um museu. O sonho drummondiano ganha concretude com a ação do poeta e do bibliófilo Plínio Doyle, famoso pelo Sabadoye, reuniões antológicas de escritores para ler e discutir literatura no Rio de Janeiro — quando o AMLB é criado.

Poderia nos contar mais sobre o AMLB, sua criação e expansão ao longo dos anos, bem como sua atuação como diretora por 20 anos deste que é um dos primeiros museus literários do Brasil?

Prof.^a Eliane Vasconcellos - Quando o AMLB é criado, em 1972, posso dizer que ainda não existia no Brasil a preocupação de edição de textos a partir do manuscrito, tanto para trabalhos críticos como para a edição de texto. Em 1985, em São Paulo, tivemos o *I Colóquio de Crítica Textual: O manuscrito moderno e as edições*. Neste primeiro encontro Philippe Willemart lança os fundamentos da crítica genética, onde se destaca a importância do manuscrito.

Voltando para o arquivo do Museu de Literatura, o que eu posso dizer? Ele foi implantado em 1972. Logo no início, foram recebidas as primeiras doações, o apelo que Plínio fez no jornal foi atendido. Doutor Plínio tinha a preocupação muito grande de pedir esse material. Por causa da confiabilidade dele e da rede de relações construídas a partir do Sabadoye, foi possível o crescimento do acervo.

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu fantasia. *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 11 de julho de 1972, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_09/239448>. Acesso em: 02 de dezembro de 2025.

Por exemplo, eu me recordo, perfeitamente, quando ele recebeu um telefonema para a doação do arquivo do Manuel Bandeira. Eu fui com ele buscar o material, ele tinha normalmente no carro umas bolsas de supermercado que, naquele tempo, eram de um papel resistente. Então, nós fomos à casa da dona Maria de Luz do Heitor de Sousa, em Copacabana, na Rua Aires Saldanha, pegar esse acervo.

Eu me lembro que o acervo estava jogado num sofá de couro preto, colocamos nas caixas e saímos. Temos acervos de vários escritores que chegaram ao AMLB por intermédio do doutor Plínio, como já falei. Acho que se não fosse a credibilidade dele, o AMLB não teria a quantidade de acervos que tem hoje.

A gestão do doutor Plinio Doyle foi marcada pela formação e conservação do acervo. E a minha, acho que posso dizer, foi calcada na formação de pesquisadores. Afinal de contas, eu ocupo aqui um cargo de pesquisadora e, pela minha formação mesmo, era uma inquietação muito grande.

Quando estive à frente do AMLB, como falei anteriormente, priorizei a pesquisa, tendo o intuito de promover a formação de novos pesquisadores. Fui a primeira a lançar, dentro da Casa de Rui Barbosa, o programa de bolsas financiado pelo CNPq, para mim o traço mais importante de minha atuação. No primeiro projeto, tive sete bolsas obtidas com verba do edital Universal do CNPq.

Realizei vários projetos que foram financiados pelo CNPq e pela FAPERJ. Nessa época, também outros pesquisadores, tanto de fora da casa, como da fundação, me auxiliaram, com o intuito de formar pesquisadores nessa área, que era ainda tão carente. E graças ao contato com algumas universidades, tanto a PUC-RJ, quanto a UNIRIO, atualmente, elas têm, dentro dos seus currículos, um componente sobre acervos literários e os alunos fazem estágio aqui no AMLB. Depois da minha saída houve algumas mudanças, e a principal foi a adoção do modelo de descrição, seguindo a NOBRADE (Norma Brasileira de Descrição Arquivística).

Entrevistadores - Em uma de suas frentes de trabalho recentes, conformou-se uma rede de pesquisa em arquivos literários que integrava estudiosos de diferentes disciplinas e instituições brasileiras dedicados aos arquivos e à

produção dos escritores Ildásio Tavares (Gongogi, 1940 - Salvador, 2010) e Judith Grossmann (Campos, 1931 - Rio de Janeiro, 2015).

Como avalia a importância de projetos de natureza interinstitucional e multidisciplinar para o estudo, a preservação e o conhecimento do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa?

Prof.^a Eliane Vasconcellos - O AMLB é detentor de um material muito rico, cujo trato demanda tempo e pessoal. Aliás, toda pesquisa que se debruça sobre arquivos literários é uma pesquisa trabalhosa e demorada, porque existem os percalços. Vamos a eles: o problema da autorização, o problema da letra, da incompletude do acervo. A leitura é demorada. Às vezes, a letra do sujeito é bastante complicada. E, quando se vai à consulta de manuscritos de romances, de poemas, às vezes, eles não estão organizados de acordo com a edição que foram publicados. Então, realmente, debruçar sobre esse tipo de pesquisa requer fôlego. Nunca se deve achar que um acervo tem todo o material que precisa ser pesquisado. Vários escritores, como o Osman Lins, têm seu acervo dividido entre duas instituições, uma parte está aqui, outra parte está na USP. O arquivo da Raquel de Queiroz, salvo engano, está no Instituto Moreira Salles, mas muitos dos originais dela estão aqui e o original do *Memorial de Maria Moura* foi doado para a USP.

Assim, tendo em conta estes desafios de trabalhar com material dos acervos, a Universidade Federal da Bahia apresentou ao CNPq o projeto Rede de Pesquisas em Arquivo Literário. Mas, por que isso? Justamente pelo problema da incompletude. O acervo da Judith Grossmann foi doado parte para o AMLB e parte para a UFBA. Com o desenvolvimento do projeto em ambas as instituições foi possível o conhecimento integral do arquivo da romancista.

Entrevista concedida em 29 de janeiro de 2026 na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).